

Nó

Eduardo Ohata

C13 diz que tem poderes para negociar contrato de TV por sócios, mas clubes rebeldes discordam

O Clube dos 13 anuncia hoje o resultado da licitação dos direitos da TV aberta do Brasileiro pelo triênio 2012-14.

A cerimônia ocorre após a Globo decidir não participar da licitação. E depois de vários clubes, apoiados pela CBF, que faz oposição ao presidente Fábio Koff e é aliada da emissora, terem anunciado que revogaram do C13 a regalia de negociar seus direitos de TV e outras mídias.

A Globo anunciou que pretende negociar individualmente com os clubes os direitos. A Record, apesar de participar da licitação, também aderiu ao corpo a corpo, feito com pelo menos 11 times.

Representantes de outras mídias acompanharão com interesse a abertura dos envelopes - Record e Rede TV! apresentam propostas. De acordo com o que ocorrer hoje, interessados nas modalidades internet, telefonia e TV fechada terão um norte para guiar seus próximos passos.

Também o valor que será oferecido pela Record é encarado como algo que pode mudar o jogo a favor do C13 ou uma amostra do que a emissora está disposta a fazer nas conversas individuais com os clubes.

A Folha apurou que, na Record, a questão é vista como estratégica e que a ordem é para que não se economize.

O C13 lança mão do argumento de que reza o seu estatuto que, enquanto os clubes de futebol não se desfiliarem, a entidade está investida do poder de negociar por elas.

"Pelo presente estatuto, os associados autorizam a entidade a negociar de modo coletivo e previamente, com terceiros, os direitos individuais a eles pertencentes, especificados na legislação vigente", afirma o documento.

Mas partes envolvidas nas negociações, da perspectiva das outras mídias, lembram que o artigo seguinte retira os plenos poderes do C13, que teria de contar com os avais expressos das agremiações.

"A validade e eficácia da efetiva gestão dos negócios previstos no parágrafo anterior ficam condicionadas à anuência expressa dos associados, conforme estipulado na alínea "g" do caput deste artigo, formalizadas preferentemente nos contratos."

Para o advogado especialista em direito esportivo Heraldo Panhoca, o que o Corinthians fez está em linha com o artigo. "Cada clube, individualmente, pode não aceitar, revogando os poderes conferidos no parágrafo anterior."

A atitude do Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), que combate a anticoncorrência e com quem a Globo fechou acordo, é vista no mercado publicitário como um trunfo do C13.

Os cartolas da Indonésia já retaliaram a nova liga.

Primeiro, proibiram que árbitros ligados à federação trabalhassem nas partidas da competição alternativa.

Depois, com a justificativa de que a competição também não era reconhecida pela Fifa, vetaram a convocação de atletas que atuam nela para seleções nacionais.

Isso não impediu o interesse dos jogadores pelo novo mercado de trabalho. Atraídos por salários mais altos, até atletas de países vizinhos, como Cingapura, foram para a liga da Indonésia que tanto incomoda a Fifa.

Por trás da competição "rebelde" está um magnata do petróleo local. Segundo ele, o objetivo da competição é tornar o futebol, extremamente popular na Indonésia, mais forte e competitivo.

Além de seu dinheiro, a LPI tem o patrocínio de gigantes multinacionais, como a Coca-Cola e Unilever.

Com dinheiro farto, os dirigentes da liga tiveram até sonhos de grandeza, como a contratação de um astro inglês, o meia David Beckham.

A criação de uma liga era um dos objetivos do Clube dos 13 em 1987, quando a associação de clubes, hoje rachada, foi fundada. A ideia, porém, não foi adiante.

A CBF se mostrou dúbia sobre essa possibilidade desde então. Em algumas oportunidades, acenou com a possibilidade de cancelar o torneio. Em outras, deu sinais de que faria a mesma coisa que a federação da Indonésia caso os clubes bancassem a criação de uma liga.

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 11 mar. 2011, Esporte, p. D2.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins jornalísticos